

O Território

um filme de Raúl Ruiz

com Geoffrey Carey, Paul Getty Jr, Jeffrey Kime, Camila Mora, Isabelle Weingarten | *The Territory* | 1981 | Portugal | 1h44 | M/12

Um grupo de jovens turistas americanos e franceses parte numa caminhada pela floresta com os seus filhos. Quando o guia que os acompanha os abandona, os viajantes tomam consciência da sua falta de preparação para a situação que têm pela frente. Cada vez mais cansados e esfomeados, perdem-se no "Território", uma área que resiste à compreensão...



Frédéric Bonnaud entrevista o realizador Raúl Ruiz [excertos]

Qual é a história de O Território?

Raúl Ruiz – Conheci Pierre Cottrell, que era produtor de Jean Eustache, e que me deu dinheiro para fazer “um filme chinês”. Dizia que fazer um filme na China o tinha feito mudar de opinião. Comecei a trabalhar no único projecto de *Hollywood* que alguma vez tive, que pode ser contado em três frases: um casal de velhos chineses na América Latina quer regressar à China, alugam um barco que mete água e têm de se reinventar como marinheiros. Como são pessoas de grande sabedoria, conseguem chegar à China... é isto. Cottrell ficou entusiasmado, comprou os bilhetes para Hong-Kong, e eu dediquei-me à escrita do argumento, fechado no hotel. Como estava com dificuldades em avançar, escrevi vários tratamentos para espalhar um pouco. Entre eles, o de uma história de canibalismo. Cottrell queria mostrar esse guião a Corman, que era seu conhecido. Entretanto, apercebemo-nos de que filmar na China não era assim tão fácil. Regresso a Paris e liga-me: “Corman aceitou!” Deu 300 000 dólares. Nesse momento, Paulo Branco estava a lançar-se na produção e sugeri-nos filmar em Portugal com actores americanos. E depois Corman mudou de ideias e não deu mais que 10 000 dólares! Eu andava a viver com o dinheiro que Cottrell me tinha dado para fazer o “filme chinês”. Começa mal, mas Branco insiste - estava a meio da produção de *Francisca*, de Manoel de Oliveira. Oliveira tinha o hábito de fazer planos de cinco minutos, então tinham de mudar de rolos a cada plano. Fizemos o nosso filme com as pontas não usadas nesses rolos. Eu fazia planos muito curtos, o que calhava bem. Tinha convencido o Henri Alekan

a vir fazer a fotografia. Filmámos em Sintra, lugar famoso onde os românticos iam para se suicidar. Branco começou a ter dificuldades económicas e, em vez de filmar, demos por nós a grelhar sardinhas na praia. Estávamos de férias. Então, Wim Wenders chegou com três latas de película. Não percebemos o que estava ali a fazer. Mais tarde, soubemos que Cottrell lhe tinha dito que já não tínhamos o que comer. Os nossos infortúnios tinham sido exagerados. Wenders ficou encantado com o ambiente relaxado da rodagem, a antítese da experiência que acabava de ter com Hammett. Acabámos o filme da melhor forma que conseguimos e Wenders pegou em toda a equipa para fazer *O Estado das Coisas*.

De onde veio a ideia do canibalismo?

R.R. – De uma notícia muito conhecida, que já tinha dado origem a vários livros e filmes: um acidente de avião nos Andes, com uma equipa de râguebi católica – detalhe importante devido à eucaristia. Foram resgatados por helicópteros. Três dias mais tarde, apareceram num restaurante que frequentava várias vezes por semana, um restaurante de carne vermelha, frequentemente muito malpassada. Chegaram e todos os cumprimentaram e desfilaram como actores, fazendo vénias. Ao ver as suas caras resplandecentes – estavam bronzeados e nada magros – pensei que estaria ali algo de interessante! Segundo jornalistas que tinham assistido ao seu «resgate», eles teriam feito gestos de recusa aos helicópteros, gritando coisas que não se compreendiam. Através de um microfone direccionado, parecia terem dito «não somos homossexuais!» é uma reacção curiosa numa situação destas. Na verdade, tinham usado batom para se proteger do sol, estavam vagamente maquilhados e não queriam «acusações» acerca do assunto.

Outro detalhe marcante era o de que ficaram a menos de um quilómetro de um hotel muito conhecido. E, de qualquer forma, quando se conhece um mínimo de astronomia, sabe-se que o sol vira de este para oeste e que naquela região, é suficiente para fazer 30 quilómetros, na pior das hipóteses, para se chegar até à autoestrada. Parece até que, de tempos a tempos, subiam a colina, viam o hotel, e achavam que era uma alucinação. A lenda é a de que procuraram sobreviver num local isolado e, de facto, se isolaram para se comerem calmamente, com toda a tranquilidade! O espírito humano é muito complexo. Fizeram coisas estranhas, como marcar o seu território com caveiras. Tornaram-se numa tribo e inventaram um ritual para comer carne humana, um ritual ao qual Bataille não se oporia. De acordo com os boatos, após terem comido um pouco do piloto do avião, abriram o seu crânio para lhe colocar flores - artificiais, suponho. Um outro detalhe revelador, não comeram os chocolates que tinham. Vinham da região de Mar Del Plata, onde um dia sem bife era impensável. A imprensa chilena não se atreveu a contar que o marxista da equipa se tinha recusado a comer a carne: morreu de fome e depois foi comido pelos outros! São apenas boatos, claro.

Les Inrockuptibles [Maio, 1996]



Entrevista ao cineasta Raúl Ruiz sobre *O Território*. Comportamentos estranhos num labirinto artificial [excertos]

Todos os que adoraram *O Estado das Coisas* de Wim Wenders, o seu próprio Portugal, perto do mar, aquela equipa de actores em suspenso, perto da vertigem, por causa de um velho mundo chamado Hollywood, irão ver *O Território*, de Raúl Ruiz, o chileno. Ouviram falar da "pirataria" de Wenders (*Le Monde* de 21 de Outubro): para fazer o seu filme a preto e branco, Wenders não só escolheu Alekan, o director de fotografia preferido de Raúl Ruiz, como pegou nos mesmos actores e filmou nesse mesmo país enigmático do qual Lisboa é a capital.

«Estávamos no fim da rodagem» diz Raúl Ruiz, «e Wim Wenders chegou da América. Acho que veio ver Isabelle Weingarten. Num corredor de hotel, perguntou-me se não me importava que usasse a minha equipa para filmar... eu disse-lhe claro que não. Tinha visto os nossos *rushes*. Se por vezes pedia aos actores para fazerem a mesma coisa, era normal. Então, Rebecca Pauly tocava violino...

Mas ele, com crianças, por exemplo, espera que algo aconteça, procura um efeito do real. Eu tinha feito o oposto, apenas tinha procurado, mesmo com as crianças, comportamentos artificiais. Apenas tinha procurado efeitos de estranheza, inspirados nos filmes americanos dos anos 50: de um lado, a comédia cor-de-rosa, do outro, os filmes da Hammer, como o *Drácula*. Foram estas as referências.»

Mathilde la Bardonnie, *Le Monde* [Janeiro, 1983]

«Uma obra emblemática de Ruiz, devido à sua vertigem formalista e labiríntica à *la Borges*, inspirada em parte por uma notícia real. Este filme será a matriz de dois outros: *O Estado das Coisas*, de Wim Wenders, inspirado na história desta rodagem e usando a mesma equipa, e *Para Além do Paraíso*, de Jim Jarmusch, que utilizaria restos de película de *O Estado das Coisas*.»

Vincent Ostria, *Les Inrockuptibles* [Janeiro, 1983]

Depoimento de Jorge Arriagada¹

"Gracias Raúl!", in *Raúl Ruiz*, Ed. Cátedra / Filmoteca Española, Madrid, 2012

Em 1981 filma-se *O Território* em Sintra (Portugal), um filme metafísico de canibalismo e de horror, onde nada é horrendo, inspirado num caso real: o avião que transportava jogadores de rãguebi uruguaios para um jogo no Chile e que se despenhou na cordilheira dos Andes. O produtor Paulo Branco disse-me que se podia obter a participação da orquestra Gulbenkian de Lisboa e que também gostaria, para aproveitar a orquestra, que compusesse a música para o filme *Conversa Acabada*, do realizador português João Botelho, filme baseado na correspondência amigável entre Fernando Pessoa e Mário Sá Carneiro. Instalei-me em Sintra, numa casa onde também estavam alojados Raúl e Valeria, actores e membros da equipa de rodagem.

O Raúl pediu-me três temas principais, *El castillo*, *La laguna* e *El territorio*. Proponho-lhe que seria mais interessante se pudéssemos ter, além da orquestra, um coro misto, para dar à música um ambiente surreal. O Raúl ficou encantado com a ideia e pediu ao produtor para conseguir um. O Paulo consegue a participação do coro da Fundação Gulbenkian; o entusiasmo foi grande: pela primeira vez tínhamos orquestra sinfónica e coro misto, fantástico. Aproveitando-me do entusiasmo, disse ao Raúl que para me inspirar no tema do castelo precisava do quarto que estava situado em frente ao impressionante castelo de Sintra; este quarto estava ocupado pelo actor Paul Getty Jr, que mo cedeu gentilmente. Foi uma experiência repleta de emoções diversas.

O Raúl disse-me: "Na biblioteca da casa há um exemplar do *Tratado de armonía* do Arnold Schönberg. Estive a lê-lo e não compreendi grande coisa." Como o Raúl sabia que o meu mestre Max Deutsch foi aluno de Schönberg, pediu-me que lhe explicasse um pouco o serialismo. No livro encontra-se um exemplo de canto coral serial escrito por Schönberg, toquei-o num sintetizador e disse-me: "Deveria ser assim o tema do castelo"; dito e feito, o tema do castelo é um coral serial com coro misto cuja inspiração é a obra de Schönberg. Durante a rodagem de *O Território* Samuel Fuller veio visitar Henri Alekan, o nosso director de fotografia, que tinha trabalhado no magnífico filme de Jean Cocteau, *A Bela e o Monstro*, com o propósito de lhe pedir conselhos para a fotografia do seu filme seguinte. Ao mesmo tempo, no mesmo lugar e com os mesmos actores e equipa técnica, Wim Wenders filmava *O Estado das Coisas*.

Encontros e desencontros foram o *leitmotiv* da rodagem de *O Território*, que inspiraram uma das minhas músicas preferidas dos filmes do Raúl.

¹ Compositor chileno, autor da banda sonora de *O Território* e de muitos outros filmes de Raúl Ruiz, de quem foi amigo e com o qual colaborou ao longo de mais de três décadas.